

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 328 I DE FEVEREIRO 1888	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3800	1800	650	8120		LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4
Possessões ultramarinas (idem)	4800	2800	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5800	2800	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

A França acaba agora de perder um dos seus mais notáveis escriptores dramaticos, uma das suas glorias theatraes mais indiscutíveis e mais incontestadas, um homem cujo extraordinario talento comico era tão universalmente reconhecido e festejado, que a sua morte enche de lucto não só o theatro francez, mas todo o theatro contemporaneo.

Esse homem chama-se Eugenio Labiche.

Eu não sei se todos os lisboetas, se todos os portuguezes conhecem bem este nome, se ligam o nome á obra; agora o que sei é que não ha ninguem em Lisboa que não tenha rido a bandeiras despregadas com as peças de Labiche, que não lhe deva algumas das horas mais alegres da sua vida.

E por isso, consagrar uma chronica portugueza a Eugenio Labiche, é muito mais do que uma homenagem litteraria, é por assim dizer, um dever de gratidão nacional.

No theatro francez moderno ha muitos escriptores com graça, com *verve*, que tem a sciencia da situação comica, a sciencia do bom dito a proposito, ha Meilhac, Halevy, Sardou, Alexandre Bisson, Grenet-Dancourt, Abraham Dreyfus, Gondinet, Emilio de Najac, Albert Millaud, Noziac, Leterrier, Chivot, Vaulso, Duru, Marot, Ordonneau, Fabrice, Carré, Decourcelle, Delacour, Paul Ferrier, Heunequin, etc., e muitos outros, mas não ha nenhum que tenha o feitio excepcional, a graça originalissima, o espirito perfeitamente extranho e individual, que caracterisava Labiche, a graça elevada a uma altura, em que chega a ser genio.

E foi essa graça unicamente que lhe abriu

de par em par as portas da Academia e que o fez *immortal* em vida, como depois de morto o hade fazer *immortal* na historia do theatro do seculo XIX.

Eu tenho por Labiche uma admiração que chega ao fanatismo, porque nunca nenhum humorista me fez rir tão expontaneamente, tão sinceramente, nunca nenhum observador, nenhum

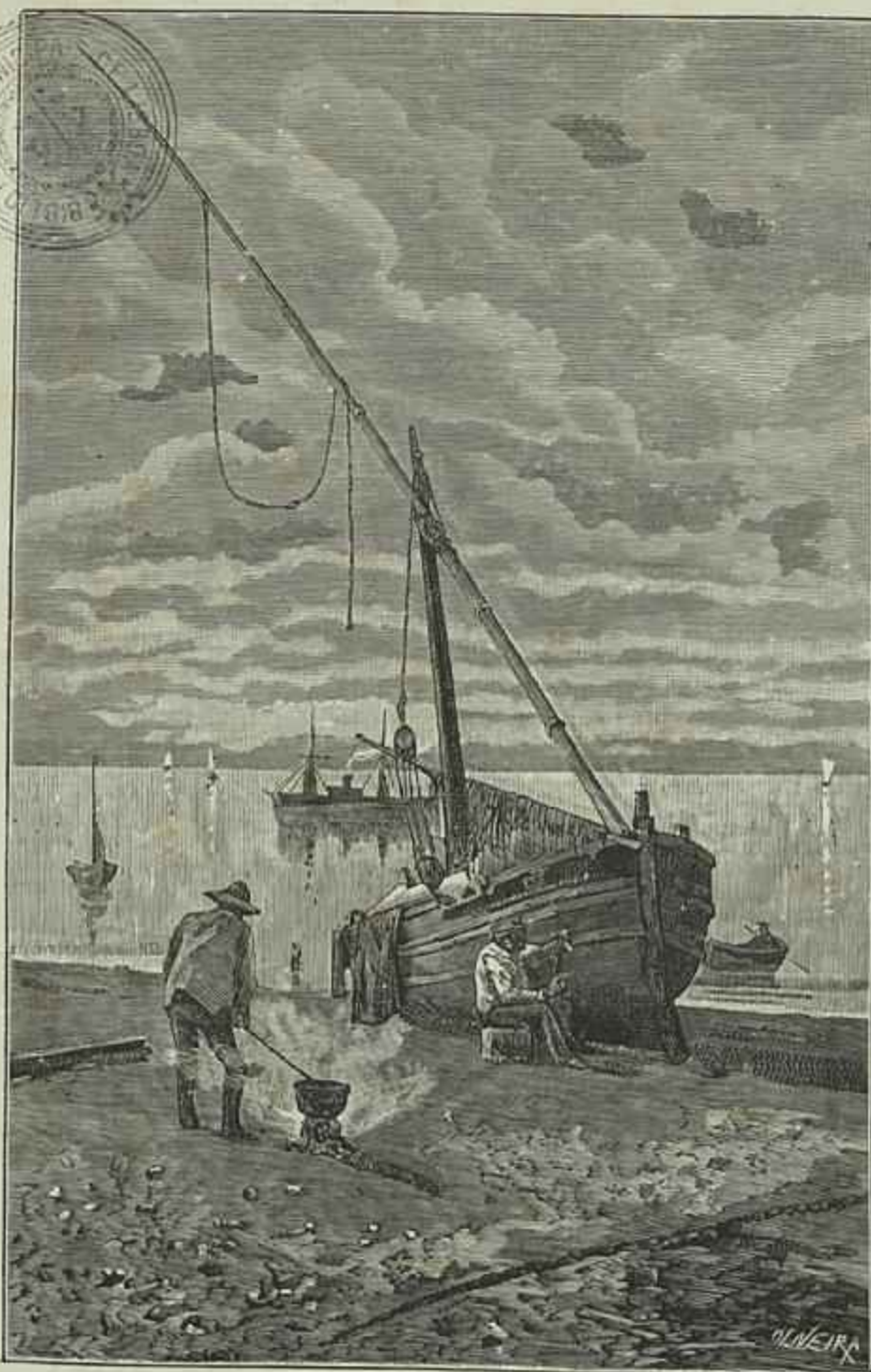
anatomista da alma humana me fez ver tão bem os seus ridiculos, como esse grande escriptor, aparentemente tão superficial, com o seu eterno riso, com a sua perenne alegria bonacheirona.

Eugenio Labiche foi mais que um grande escriptor, foi um benemerito da humanidade, porque a sua passagem por este mundo foi uma enorme e franca gargalhada, que durou cincoenta annos, e n'este valle de lagrimas ha tantas e tantas coisas que nos entristeçam, que o alegrar-nos chega a ser a melhor acção que se póde praticar.

E essa acção praticou-a Eugenio Labiche durante 50 annos, e praticou-a ha ainda por muito tempo, porque se elle morreu, as suas obras não de fatalmente sobreviver-lhe, não de fazer rir ainda muito os nossos netos, como já fizeram rir a bandeiras despregadas os nossos avós.

A primeira peça de Labiche data de 2 de julho de 1838; a sua ultima peça de 5 de janeiro de 1877 — a primeira foi um vaudeville em 1 acto, *Mr. de Coestin*, representada no Palais Royal, a ultima *la Cle*, um vaudeville em 4 actos representado n'esse mesmo theatro: quando nós começámos a frequentar o theatro, a occupar-nos de coisas theatraes, ha já que tempos que Labiche enchia todos os theatros do mundo com as suas peças: ha onze annos que elle deixou d'escrever, pois apesar d'isso as suas comedias triumpham ainda hoje em toda a linha, não só no estrangeiro como tambem na França, e essas peças velhas, essas peças que tem 15, 20 e 30 annos d'idade, são ainda hoje os grandes acontecimentos theatraes de Paris, batem-se em *reprise* com as peças novas e levam-nas de vencida, e nos annos theatraes da França d'estes ultimos tempos, encontramos, ha tres annos, entre os maiores successos da epocha theatral de Paris, a *Voyage de mr. Perrechon*, de Labiche, que se representou pela primeira vez em

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»



OS CALAFATES, SETUBAL — QUADRO DE J. VAZ (Desenhado do quadro por J. Christino)

tonio Maria de Fontes Pereira de Mello, conselheiro e ministro d'estado, como publico e perpetuo padrão da justiça, do reconhecimento e da saudade dos seus compatriotas pelas virtudes civicas, singulares talentos e patrioticos serviços que constituiram, honraram e immortalisaram a sua proeminente personalidade de cidadão e de estadista.

E para constar, a comissão executiva da grande comissão central de homenagem a Fontes Pereira de Mello, promotora da erecção do monumento, resolveu mandar lavrar o presente auto em dois exemplares, dos quaes um fica encerrado em cofre metalico na mesma pedra fundamental e o outro é entregue á camara municipal d'esta cidade, para que ella se sirva guardal-o no seu archivo.

Feita a leitura, foi o auto assignado pelas pessoas presentes, inscrevendo-se em primeiro lugar suas altezas, depois o ministerio, ministros de estado honorarios que se achavam presentes, os membros das deputações das duas camaras do parlamento, a familia de Fontes Pereira de Mello constando da irmã e sobrinhos do estadista, e por fim os membros da comissão promotora do monumento e mais algumas pessoas presentes que quizeram assignar aquelle documento.

Para a assignatura do auto estava uma meza collocada sobre um estrado, e coberta com a bandeira portugueza pertencente á Sociedade de Geographia de Lisboa.

A nossa gravura, reproducção de um desenho, feito expressamente, pelo nosso collaborador artistico sr. Christino, que foi assistir ao acto, representa a occasião da assignatura do auto.

Terminada que foi a assignatura, foi o auto encerrado, junto com um exemplar de cada uma das moedas actualmente em circulação, dentro de um cofre d'aço, o qual foi depositado na cova que estava preparada no terreno sobre que vai ser levantado o monumento.

Nesta cerimonia tomaram parte suas altezas, o presidente da comissão sr. Corvo e os secretarios srs. Margiochi e Luciano Cordeiro, tomando o sr. infante D. Affonso em suas mãos a colher de cimento que lançou sobre a pedra que cobria o cofre.

Cerca das quatro horas estava concluida a cerimonia, que representa a primeira apothese do grande estadista portuguez, prestada pelos seus concidadãos, que assim lhes manifestam o seu reconhecimento e gratidão.

Para a erecção do monumento foi aberto por espaço de 40 dias um concurso cujas condições aqui deixamos consignadas.

1.º O local a que o monumento se destina é o centro da praça em construcção na Avenida da Liberdade, em frente da ampliação projectada do Jardim Botânico. A comissão porá á disposição dos concorrentes a planta da referida praça.

2.º O monumento deverá compôr-se de uma estatua pedestre, em bronze, representando Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e assente em pedestal de marmore portuguez. Os concorrentes terão plena liberdade de concepção e execução dos respectivos projectos, mas a comissão julga dever lembrar-lhes que o monumento é destinado a perpetuar a memoria da singular estatura moral e civica de Fontes Pereira de Mello, como estadista parlamentar:—da sua poderosa iniciativa e dos seus extraordinarios serviços na regeneração das forças economicas e politicas do paiz,—da sua acrisolada e previdente dedicação á independencia nacional e ás instituições constitucionaes,—do seu espirito de tolerancia e de isenção politica,—dos seus persistentes esforços pelo progresso pacifico da nação e pela manutenção do credito, do direito e do bom nome d'ella.

3.º Os concorrentes deverão apresentar desenhos ou modellos em escala de 1:10 com todos os promenores e explicações que possam auxiliar a apreciação d'elles. Estes modellos ou desenhos serão acompanhados dos respectivos documentos.

4.º O projecto será concebido de modo que o custo da sua construcção, incluidos os fundamentos não exceda á quantia de 30 contos de réis.

5.º Os modellos deverão ser marcados com um distinctivo igual ao designado no subscripto que contiver o nome do auctor e que deverá ser entregue com o projecto ao thesoureiro da comissão ou na sua ausencia ao sr. guarda mór da camara municipal no paço do concelho.

6.º A comissão, classificando os projectos apresentados, concederá um premio de 400,000 reis ao primeiro, de 300,000 ao segundo, e de 200,000 ao terceiro classificado. Os projectos premiados ficarão á disposição da comissão que sobre elles se reserva o direito exclusivo de to-

mar qualquer resolução que lhe pareça conveniente.

Os mais projectos poderão ser retirados pelos seus auctores terminada e annunciada a classificação. Lisboa, 22 de janeiro de 1888. Pela comissão: O presidente João de Andrade Corvo; os secretarios Francisco Simões Margiochi e Luciano Cordeiro; o thesoureiro José Gregorio da Rosa Araujo.

D. MANUEL FERNANDEZ Y GONZALEZ

A Hespanha acaba de perder um dos seus maiores poetas e romancistas, que enriqueceu a litteratura hespanhola com as brilhantes produções do seu talento.

D. Manuel Fernandez y Gonzalez falleceu em Madrid, em uma casa da rua do *Amor de Dios* n.º 17, no dia 6 de janeiro ultimo.

Não o cercava a abundancia nem o bem estar, n'aquella pobre casa, em que a morte o surpreendeu, no meio dos mil projectos que a sua imaginação prodigiosa lhe suggeria a flux.

Fernandez y Gonzalez arrastava uma existencia penosa, esquecido e quasi desprezado pelos seus compatriotas, depois de tão alto se ter elevado pelo seu talento, e de ter dominado na litteratura do seu paiz, com as suas brilhantes produções românticas, que tanto o popularisaram na Hespanha como em Portugal, onde quasi todas tem sido traduzidas e publicadas com grande exito.

Um seu biographo chama-lhe, com fundada razão, o *Dumas* hespanhol; e de facto Fernandez y Gonzalez está para a litteratura hespanhola na mesma razão que Dumas está para a litteratura franceza. O theatro e o romance devem-lhe produções notaveis como as não tem outro escriptor hespanhol moderno, e não obstante, isto não impediu que Fernandez y Gonzalez fosse posto de parte, com grave prejuizo da litteratura em que se admiram as obras de Quevedo, de Calderon, de Cervantes e tantos outros filhos do Cid.

O que determinou, porém, esta injustiça feita a Fernandez y Gonzalez foi o seu proprio talento, um talento extraordinario, de uma fecundidade incansavel e umberrima, que lhe permitiu no espaço de dez annos absterer o mercado litterario e o theatro de Hespanha com successivas obras que eram recebidas com avides, mas que pelo excesso fatigaram o publico e o auctor. Se entre essas obras ha algumas que se resentem da precipitação com que foram feitas, em todas ellas ha, porém, as vibrações de um grande espirito, que as torna immorredoiras e que são o triumpho do grande escriptor e a garantia da immortalidade do seu nome.

Fernandez y Gonzalez era um talento tão fecundo que se conta d'elle a seguinte anedocta:

Notando-lhe alguem a sua grande fecundidade, elle respondeu:

—O que tenho escripto não é mais que o prologo do que hei de escrever.

—Então escreverá mais que Lopo de Vega?

—Lopo de Vega não teve meios para mais; eu serei Lopo de Vega com tochiographo.

Entretanto a Hespanha não levou o seu esquecimento a ponto, que a morte de Fernandez y Gonzalez lhes não viesse recordar que tinha perdido um dos seus escriptores mais notaveis, e que ella tanto tinha festejado n'uma epoca não muito distante.

Logo que em Madrid correu a noticia da morte do auctor do *Conde Duque de Olivares*, a direcção do Atheneu resolveu prestar ao eminente romancista as mais solemnes honras funebres, que celebrou com a maior pompa.

O cadaver do infeliz poeta foi trasladado do seu pobre thegurio para a grande sala do Atheneu, armada em camara ardente, e ali o povo de Madrid poude ver pela ultima vez o corpo inanimado do talentoso escriptor, e prestar-lhe as homenagens do seu respeito e saudade, bem expressa em seus rostos, d'onde não era raro verem-se desprender as lagrimas, as primeiras que talvez cahiam n'aquella sala, para nos servirmos da phrase do insigne chronista da *Ilustracion Española y Americana* D. José Fernandez Bremon.

O sahimento foi imponente, concorrendo a elle representantes da Academia, dos auctores dramaticos, da Sociedade dos Escriptores, de todas as sociedades, emfim, de litteratura, de sciencias e de artes de Madrid, membros do ministerio, altos funcionarios e grande concurso da população de Madrid.

A Rainha Regente enviou os seus pesames á viuva, e mandou recolher a um collegio um fi-

lho que Fernandez y Gonzalez deixou. A rainha Izabel enviou uma corôa de flores para ser depositada sobre o feretro.

Nestas manifestações se revella a justiça que a Hespanha faz a Fernandez y Gonzalez, embora essa justiça só aproveite á sua memoria.

D. Manuel Fernandez y Gonzalez era natural de Sevilha, onde nasceu a 6 de dezembro de 1821. A sua educação realisou-se em Granada, sob os cuidados de seu paiz, o capitão D. Manuel Fernandez de Cárdenas e de sua mãe D. Rita Gonzalez y Rivero.

A sua infancia corria bonançosa, no meio das commodidades e da abundancia, que os haveres de seus paes lhes permittiam, quando a mudança de fortuna collocou a sua familia em más circumstancias, e o pequeno Fernandez principiou a sentir os primeiros azares da sorte.

Cursava, em 1840, as aulas de Direito, quando foi obrigado a sentar praça, por não poder resgatar-se do serviço militar.

Chegou ao posto de sargento de cavalleria, e, em 1847 foi licenciado, entregando-se então aos seus trabalhos litterarios, principiando a escrever para o theatro e produzindo as suas primeiras novellas que despertaram a attenção do publico.

Em 1854 já os emprezarios de theatros e os editores disputavam a preferencia para pôrem em scena ou para editarem as suas obras.

Então Fernandez y Gonzalez voltava a uma nova epoca de prosperidade. As suas produções eram recebidas com agrado e procuradas com avides, e durante o periodo decorrido desde 1854 a 1862, nenhum outro auctor tinha mais popularidade no seu paiz. Os romances de Fernandez y Gonzalez publicavam-se ás cadernetas semanaes, e isto facilitava a sua vulgarisação entre o povo.

Fernandez y Gonzalez escrevia mais de um romance ao mesmo tempo, e muitas vezes fazia o original para as folhas, em casa dos proprios editores, ou ainda nas typographias, com os compositores á espera para comporem.

O seu grande talento facultava-lhe esta facilidade de producção, facilidade de que elle abusava extraordinariamente, não tanto na incorrecção de algumas das suas obras, mas no valor que lhes dava, ligando pouca importancia á remuneração que auferia do seu trabalho, e muito menos ao uso que d'ella fazia.

Este despreendimento não lhe permittiu o accumular riqueza, e quando a sua imaginação principiou a fatigar-se depois de uma producção enorme n'um curto espaço de tempo, e o seu prestigio a eclypsar-se, Fernandez y Gonzalez achou-se a braços com a pobreza, vendo descer para o occaso o sol brilhante que illuminára a sua vida, e cujos raios já mal douravam a sua corôa de poeta.

O THEATRO ESPAÑOL

(Concluido do numero antecedente)

Veámos, porém, como se manifestou litterariamente o movimento da Renascença em Hespanha. Tardiamente, já quando a decadencia empallescencia as litteraturas italiana, portugueza, a franceza, porque, tendo-se perdido o primitivo ideal christão individualista pela imposição politica do Catholicismo, ia-se cahindo no esteril e frio classicissimo da arte pela arte. E mesmo então a litteratura hespanhola da Renascença nunca attingiu na fórma a correcção antiga; nem purificou o estylo da exuberancia oriental das imagens e do vago das metaphoras; nem o amor se espirituallizou nas obras dos seus poetas até ao sentimento sublimado do Petrarca e de Camões; nem tiveram os poetas castelhanos do ideal da gloria e da Patria a comprehensão luminosa, clara e crystalina da Divina Comedia e dos Luziadas.

Nas criações artisticas e litterarias da Hespanha transparecem revelações de genio, como em Calderon de la Barca e Thyrso de Molina, mas enfiadas n'uma profusão de imagens e de enredo de linguagem, em que as figuras das comedias se envolvem, como n'uma capa protectora de conveniencias, receiosas de mostrar á luz da rampa a rude nudez dos seus caracteres; e nas carregadas fronteiras d'essas figuras ha sempre a sombra sinistra do terror e do intimo sobresalto.

Ora a epoca em Hespanha era de hypocrisia e de fogueiras. E que homem poderia então cantar em paz e ter franqueza e confianca?

E, quando o movimento da Renascença europeia começou a reagir sobre os espiritos, já a na-



PENSATIVA — QUADRO DE MALHOA, ADQUIRIDO PELO EX.^{mo} SR. MARQUEZ DA FOZ
(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Benarus)

ção se encontrava sob o terror da perseguição e no estado psychologico que indiquei anteriormente.

As letras e o genio para se expandirem careciam de encerrar-se no claustro. Os poemas gregos, que influiram tão essencialmente na revolução da litteratura, consagravam a belleza corporea. ao mesmo tempo que respiravam um sopro de liberdade tal, que era perigoso, senão impossível, na Hespanha de então, hypocrita, catholica e inquisitorial, buscar-se n'essas fontes a inspiração directa e o modelo. Nem se diga que em epocha ulterior a alta cultura, que das letras italianas se fazia na corte de Madrid, poderia ter feito entrar o espirito castelhano no verdadeiro movimento da Renascença; porque, essencial-

testavel do cordovez Luiz de Gongora y Argote. O gongorismo foi a unica forma litteraria que dominou, n'uma dada epocha, toda a litteratura hespanhola; o que prova que a correcção dos modelos antigos e o bom gosto da renascença não haviam influido seriamente nas letras castelhanas. E, ao contrario do que succedeu nas outras nações neo-latinas, em Castella o espirito litterario não continuou a tradição da antiguidade e não realisoou n'uma evolução progressiva o seu desenvolvimento.

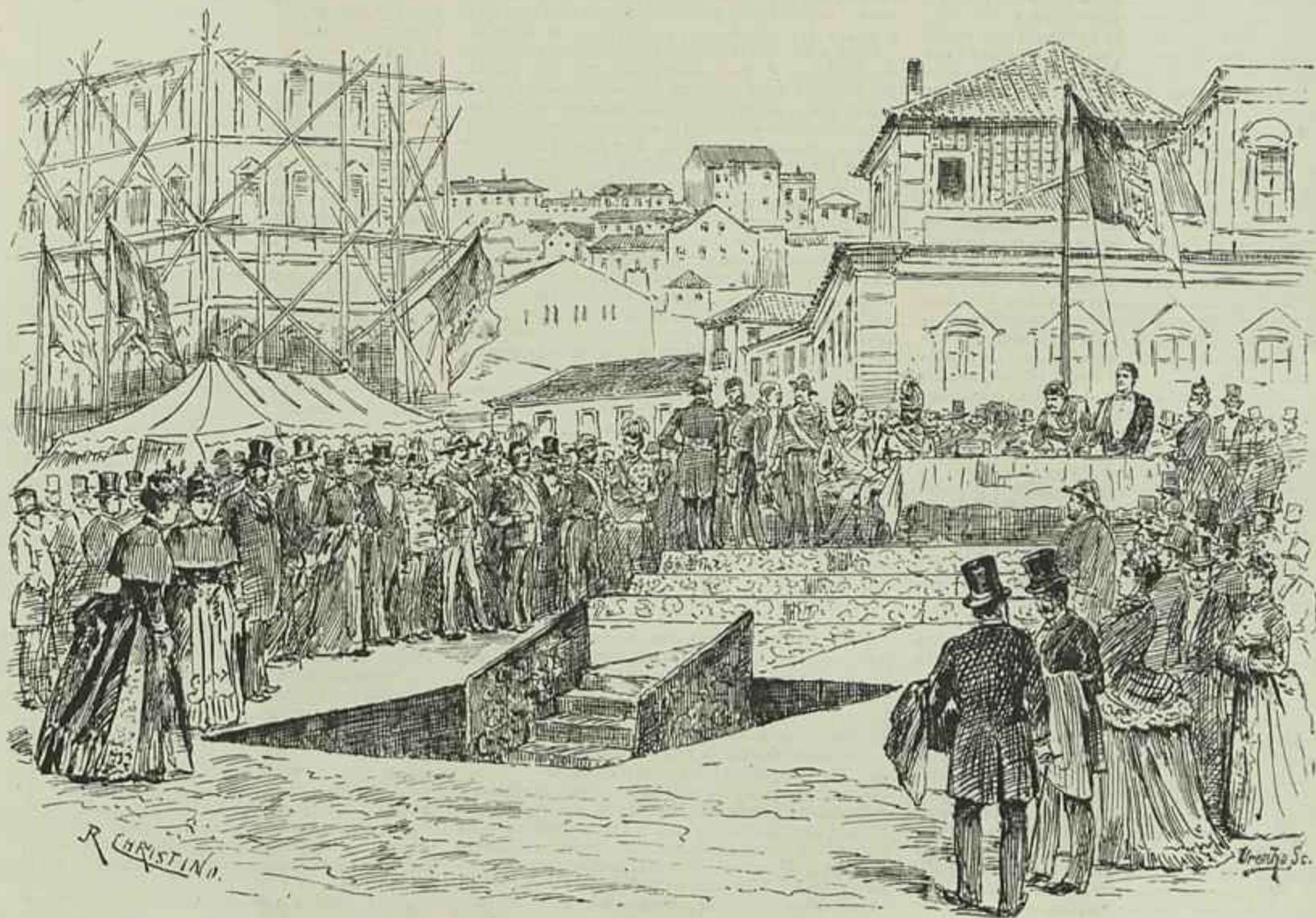
A litteratura castelhana tem sempre vivido uma vida inferior, sem tradição, sem philosophia, sem ideal definido. De sorte que, em cada epocha de affirmação litteraria das outras nações, — influenciados mais ou menos pela fama das litteraturas

grande poeta, criança ainda, vivera em Madrid no tempo do rei José.

A Hespanha d'essa epocha era um volcão, em cuja cratera referviam as paixões violentas dos vencedores do Mexico, irrompendo em rios de lava e sangue, e cuja frente se envolvia no espesso fumo da sombria soberba de Castella, de sorte que a aguia napoleonica pairava incerta sobre a montanha hostil, meio cega pelo fumo, com as azas meio crestadas pelo fogo.

Que extraordinaria impressão, pois, não produziria n'uma organização predestinada para a arte e para a poesia, n'uma imaginação tal como a de Victor Hugo, esse sombrio espectáculo da Hespanha raivosa e sinistra!?

As manifestações violentas e cheias de altivez



LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA NO MONUMENTO A FONTES PEREIRA DE MELLO, NA AVENIDA DA LIBERDADE — 22 DE JANEIRO DE 1888

(Desenho feito na ocasião por J. R. Christino)

mente animada do espirito individualista, na poesia, na arte, na historia, a litteratura italiana da Renascença não correspondia a nenhuma das idéas, nem sentimentos da sociedade hespanhola. As mesmas causas da enfermidade, que preverteo, no seculo xvi, o desenvolvimento das funções sociaes da nação, feriram natural e simultaneamente com a mesma perturbação o advento litterario. O espirito da sociedade hespanhola tinha enfermado da loucura da cruz e da loucura do ouro; as suas faculdades, portanto, nada grande podiam crear, desde que se tinha perdido o ideal da justiça, da liberdade e da patria.

Todos os grandes acontecimentos da historia da humanidade tiveram a sua consagração poetica; e o grande feito de Colombo, — o descobrimento d'um mundo! — nem uma lenda epica obteve sequer do espirito litterario da Hespanha.

N'estas condições a litteratura hespanhola enredou-se no estylo exuberantemente metaphorico, de mau gosto e de trocadilhos de palavras, levado ao perfeito disparate pelo talento incon-

estranhas, mas sem preparação para lhes comprehenderem o espirito e entrarem no seu movimento reformador, — os auctores castelhanos cahem na fluctuação rethorica. Ao mesmo tempo o gosto do publico, sem orientação philosophica, tem-se ido formando na admiração da forma que melhor satisfaz a incerteza do seu modo de ser intellectual e que mais lisongeia a sua paixão pelo brilhantismo e pelo luxo, qual é a imagem e a metaphora.

O romantismo tambem, que teve uma alta missão necessaria ao desenvolvimento das litteraturas europeas, porque veio affirmar a liberdade da expressão artistica do pensar e do sentir do coração humano, restabelecendo e continuando a obra da renascença, só foi comprehendido e seguido pela Hespanha no exagero do estylo trovador, na forma lendaria da idade média, que era o que o romantismo tinha de rethorico e de artificial. Na verdade taes exageros de estylo eram o resultado do deslumbramento, que o brilhantismo retumbante e tragico do caracter hespanhol causara a Victor Hugo, quando o

do genio castelhano, o brilhantismo e a cor dos seus costumes e da sua linguagem pittoresca e sonora impressionaram o cerebro sensível da criança, indelevelmente, a ponto que na obra do grande poeta, e até mesmo nas ultimas paginas que escreve, se projecta o reflexo da visão dos seus primeiros annos.

A velha arte classica, cuja forma, correcta e sobria, era tudo que restava da litteratura franceza, herança sagrada da Renascença, indignou-se contra esse desordenado turbilhão de cor, que tão fóra estava da simplicidade antiga, o que constituiu o gosto litterario da raça latina. Victor Hugo, porém, era um genio, e portanto não podia deixar de triumphar dos classicos, que não comprehendiam o espirito da reforma litteraria que vinha desde Rousseau, Stael e Chateaubriand.

Provocados pelo falso estylo gongorico, arvorado como uma bandeira revolucionaria nos versos do Hernani, reagiam os classicos cegamente contra a nova escola, confundindo nos mesmos ataques o espirito da reforma e o estylo do poeta.

cação dos projectos de um parque na Avenida da Liberdade, os seguintes premios aos projectos apresentados: — 1.º premio de 500 libras, ao projecto n.º 14, divisa *Ettimouh*, apresentado por Lusseau. — 2.º premio de 300 libras ao projecto que tem por divisa as armas de Lisboa e Paris, apresentado por H. Duchêne. — 3.º premio de 200 libras ao projecto n.º 16, divisa *Urne tulit punctum qui miscuit utile dulci*, apresentado por Eg. Denny. Os projectos n.ºs 1, 8 e 13, menção honrosa. Entre os diferentes projectos apresentados são estes effectivamente os mais bonitos, o que não quer dizer que sejam praticos para se levarem a effecto com os recursos do thesouro municipal, tanto mais tendo que se repartir para tantas obras municipaes de immediata necessidade, com a ampliação que o municipio de Lisboa acaba de ter. Pena é que isto assim seja, mas é a verdade.

ACHADO BIBLIOGRAPHICO. Communicam-nos de Coimbra que o sr. Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, digno e illustrado bibliothecario da Universidade, muito distincto archeologo e escriptor apreciavel, tornou conhecido o *Conimbricæ Encomium ab Ignatio Morali editum. Conimbricæ, apud Joannem Barrerium, typographum reginæ MDLIII*, elogio da cidade de Coimbra em versos latinos, por Ignacio de Moraes, professor da Universidade. Esta edição é verdadeiramente rara e o frontispicio da que o sr. Mendes de Castro tem, é o *fac-simili* da de 1554 de que só existe este exemplar, pois d'isto adquirio certeza o sr. Mendes de Castro depois das investigações a que tem procedido.

PÉREZ ESCHRIICH. O popular e fecundo romancista hespanhol Perez Eschrich, cujos romances tão conhecidos são em Portugal, onde tem sido traduzidos e onde tem sido repetidas edições, acha-se reduzido á miseria, tendo requerido o lugar de director do *Asylo de las Mercedes*.

AZULEJOS ANTIGOS. O castello de Azeitão, que pertenceu ao grande Alfonso de Albuquerque, acha-se em adiantado estado de ruina, entretanto ainda lá existem uns azulejos de bastante merecimento que conviria salvar da ruina, mandando-os arrancar cuidadosamente e recolher ao Museu Nacional de Bellas Artes.

EUGENIO LABICHE. Falleceu, em Paris, Eugenio Labiche: notavel escriptor dramatico conhecido em todo o mundo civilizado pelas suas famosas produções theatraes. Nasceu em 1815 e a sua primeira obra theatral foi um vaudeville feito de collaboração, e representado no Palais Royal, em 1838. Foi um dos mais fecundos dramaturgos da França, tendo grande facilidade em escrever, graças á sua prodigiosa imaginação. Collaboraram com elle Marc Michel, Lefranc, Martin, Delacour, Vacin, Claisville, Edmond Gondinet, Philippe Gille, Emilio Augier, Chivot, Dura, Legouvé, etc. Eugenio Labiche era membro da Academia, para onde entrara em 1880, e official da Legião de Honra. Ha muito que estava retirado e vivendo fóra de Paris, entregue á vida campestre que elle divertia com a caça.

OCCUPAÇÃO DO AMBRIZETTE. Recebeu-se em Lisboa o seguinte telegramma com respeito á occupação do Ambrizette pelas auctoridades portuguezas: Loanda, 30. Effectuou-se a occupação do Ambrizette sem opposição alguma por parte dos indigenas, que se conformaram. A expedição foi organizada pelo governador do districto, que tem empregado medidas muito prudentes e combinadas com os navios da divisão naval, afim de proteger as feitorias, tendo havido boa vontade e zelo da parte de todos. Congratulo-me com v. ex.ª por este resultado, que é uma manifestação segura do prestigio do nome portu-



D. MANUEL FERNANDEZ Y GONZALEZ

FALLECIDO EM 6 DE JANEIRO DE 1888

guez entre os indigenas, apesar dos boatos espalhados em contrario. Este facto garante o socego em toda a costa. Foram expedidas para Benguella instrucções urgentes para cumprir o ordenado no telegramma de 27. (a) Governador.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Sob Magnolias, contos, por Luiz Trigueiros, Lisboa, Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1887. É uma estreia auspiciosa a publicação d'este livro do sr. Trigueiros, e nós não podemos deixar de o felicitar pelo purismo dos seus contos, pela finura e delicadeza com que são feitos. Para darmos melhor idéa aos nossos leitores da belleza dos contos do sr. Trigueiros, desprendemos ao accaso algumas paginas do livro, e n'outro lugar publicamos um d'esses contos, que tem por titulo *Maes* e que reproduz perfeitamente um dos muitos casos que succedem na vida das nossas provincias.

Almanach da Typographia Castro Irmão para 1888. Este pequenino almanach é, como nos mais annos, um delicado brinde que o proprietario da typographia Castro Irmão, oferece aos seus numerosos clientes, e que é esperado sempre com o maior interesse, pois de anno para anno se torna mais aprimorado na sua collecção typographica. É um especimen que dá boa idéa da belleza dos trabalhos que se produzem na typographia Castro Irmão, e é de grande utilidade pelas numerosas tabellas de interesse publico, que insere nas suas pequeninas paginas.

Revista da Familia Academica. Redactores Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Benjamim L. Barroso, Candido Marianno e Edmundo de Barros. Rio de Janeiro. Publicada por uma sociedade que tem o mesmo titulo a *Revista da Familia Academica* é mais um elemento de propaganda da sciencia de que dá boa idéa o seguinte summario: Theoria da eliminação, A flor

do cocere (poesia), H. Spencer e o evolucionismo, Ab inicio Vitæ (poesia), Umás palavras sobre a concepção mechanica, Lições de arithmetica, Metralhadoras, Livros, Chronica.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira. Tomo III, folhas 13 e 14. Continua cheia de interesse historico esta boa obra, de grande subsidio para a historia do primeiro municipio do paiz.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi editor, Lisboa. N.º 150. *Os Balões em Portugal* por João Maria Jalles, capitão d'artilheria. N.º 151, *Logica* por Julio Lecour e Menezes, professor de instrucção secundaria. N.º 152, *Microbios e doencas*, por Julio Arthur Lopes Cardoso, medico e professor.

Chorographia do Estado da India, por Viriato A. C. B. de Albuquerque. Nova Goa, 1887. Este livro é de grande utilidade e vem preencher uma verdadeira lacuna, pois nenhum havia d'este genero com respeito á India portugueza. Apesar das faltas que por ventura tem e que o proprio author modestamente confessa, nem por isso deixa de ser um trabalho valioso, que honra sobre modo o seu author.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha etc. por José d'Arriaga, Lopes & C.ª, editores, Porto. Fasciculo n.º 20 pertencente ao 2.º volume.

Introdução ao estudo de jurisprudencia Portugueza notas a lapis, por Philoteio Pereira d'Andrade, Margão, 1887. Um folheto de 16 pag.ª e V de *avant-propos*. É o primeiro de uma serie que o author se propõem publicar, como subsidio aos estudantes de jurisprudencia.



Almanach Illustrado do Occidente Para 1888

7.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Já está publicado este magnifico annuario, profusamente illustrado e com artigos escolhidos.

A capa, em chromo, é uma graciosa composição de costumes populares, por Gaetano Alberto.

Preço 200 réis e pelo correio 220 réis

Recebem-se pedidos na Empreza do OCCIDENTE, travessa do Convento de Jesus, 4, (ao Poço Novo). — Lisboa.

Capas para encadernação do OCCIDENTE

Capas de percalina cor de castanha com ornatos a preto e a ouro... 800 réis
Encadernação e capa, cada vol.... 17200 "

As capas enviam-se pelo correio francas de porte, assim como os volumes que sejam remetidos da Provincia para encadernar.

Pedidos á EMPREZA DO OCCIDENTE, Largo do Poço Novo, Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typ. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa